



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 13/03/2020 a 19/03/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
13/03/2020	8,46	295,90	26,11	5,14	3,70
16/03/2020	8,21	296,30	24,99	4,98	3,54
17/03/2020	8,24	298,30	25,24	4,99	3,44
18/03/2020	8,25	304,00	25,04	5,08	3,35
19/03/2020	8,43	314,10	25,48	5,35	3,45
Média	8,32	301,72	25,37	5,11	3,50

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	93,00	ND
RS - Santa Rosa	93,00	ND
RS - Ijuí	93,00	ND
PR - Cascavel	90,00	ND
MT - Rondonópolis	84,00	ND
MS - Ponta Porã	82,50	ND
GO - Rio Verde (CIF)	81,50	ND
BA - Barreiras (CIF)	83,00	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	163,00	ND
Paraguai (FOB)**	139,00	ND
Paraguai (CIF)**	176,00	ND
RS - Erechim	51,50	ND
SC - Chapecó	52,00	ND
PR - Cascavel	50,00	ND
PR - Maringá	49,00	ND
MT - Rondonópolis	46,00	ND
MS - Dourados	46,00	ND
SP - Mogiana	58,00	ND
SP - Campinas (CIF)	61,00	ND
GO - Goiânia	50,00	ND
MG - Uberlândia	53,00	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	880,00	ND
RS - Santa Rosa	880,00	ND
PR - Maringá	1.050,00	ND
PR - Cascavel	1.000,00	ND

Período: 18/03/2020

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 19/03/2020

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	44,51	85,11	44,96

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 19/03/2020

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	49,36
Feijão (saco 60 Kg)	144,71
Sorgo (saco 60 Kg)	36,13
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,86
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,32**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,68

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Diante de um mundo praticamente em quarentena, devido ao coronavírus Covid-19, o mercado da soja se arrasta em Chicago, com forte viés de baixa. O primeiro mês cotado fechou esta quinta-feira (19) em US\$ 8,43/bushel, após US\$ 8,55 uma semana antes. Porém, é bom lembrar que no dia 16/03 a cotação chegou a bater em US\$ 8,21. Esta recuperação da quinta-feira está mais para um ajuste técnico do que para uma mudança de tendência.

Na verdade, o mercado recuou durante a semana diante da possibilidade de o presidente Donald Trump decretar emergência nacional nos EUA devido ao coronavírus.

Por outro lado, no mercado mundial, a forte queda dos preços do petróleo no início da semana (mais de 10%), puxaram para baixo a soja e seus derivados, particularmente o óleo de soja. Este último chegou a bater em 24,99 centavos de dólar por libra-peso, algo que não era visto há muitos anos. Apenas para lembrança, no dia 02 de janeiro deste ano o óleo esteve cotado em 34,97 centavos de dólar. Ou seja, em dois meses e meio a cotação do mesmo recuou 28,5%.

Ao mesmo tempo, apesar da forte quebra na safra de soja do Rio Grande do Sul, o restante da América do Sul deverá colher uma safra cheia, o que ajuda a puxar os preços para baixo.

Em paralelo, a Associação Norte-Americana dos Processadores de Óleos Vegetais (NOPA) apontou que o esmagamento de soja por parte dos EUA, em fevereiro, ficou em 4,52 milhões de toneladas, superando um pouco o que o mercado esperava, embora bem abaixo do registrado em janeiro.

Por sua vez, as inspeções de exportação de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 12/03, atingiram a 436.358 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado. Já as exportações líquidas fecharam a semana do 05/03 em 302.800 toneladas, o que representou um recuo de 34% sobre a média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2020/21 foram mais 1.400 toneladas exportadas. A soma dos dois anos, apesar de reduzida, ficou dentro das expectativas do mercado, pois este reduziu fortemente seus números de previsão diante da crise geral por que passa o mundo.

Neste contexto de crise, preocupa cada vez mais os resultados econômicos na China, diante dos impactos do coronavírus. A produção industrial do país caiu 13,5% em janeiro e fevereiro, na comparação com o mesmo período do ano anterior, após avançar 6,9% em dezembro. Já em fevereiro a produção industrial caiu 26,6% em relação a janeiro, depois de ter recuado 2,78% em janeiro. Com isso, a tendência para o PIB chinês em todo o ano de 2020 é de apenas 3%, contra 5,5% na previsão anterior e ao redor de 10% anuais há poucos anos atrás. Somente no primeiro trimestre a contração da economia chinesa deverá atingir a 9%, contra uma expectativa de crescimento de 2,5%. E isso em um país já atingido pela guerra comercial com os EUA e pela peste suína africana, que ainda se fazem presentes.

No Brasil, a nova disparada do câmbio, colocando o Real em níveis ao redor de R\$ 5,20 por dólar em alguns momentos da semana, voltou a elevar o preço da soja. O balcão gaúcho atingiu a média de R\$ 85,11/saco, enquanto os lotes foram a R\$ 93,00. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 77,00 em Querência, Nova Xavantina e Canarana (MT) e R\$ 90,50/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 78,50 em São Gabriel (MS), R\$ 79,50 em Goiatuba (GO), R\$ 90,50 no norte e centro do Paraná, R\$ 82,00 em Pedro Afonso (TO) e R\$ 84,00/saco em Uruçuí (PI).

Graças ao câmbio os preços da soja estão elevados, pois Chicago recua fortemente e os prêmios nos portos brasileiros se mantêm baixos. Aliás, os mesmos fecharam a semana entre US\$ 0,36 e US\$ 0,70/bushel.

Tais preços ajudam em muito as regiões brasileiras que estão com safra cheia. Infelizmente não é o caso do Rio Grande do Sul onde a quebra de safra vem aumentando a cada dia. As chuvas desta última quarta-feira foram poucas e mal distribuídas, não auxiliando em quase nada a solução do déficit hídrico. Assim, o Estado deverá consolidar mesmo uma quebra perto de 50% na soja. Não há preço de produto que compense tal quebra. Sem falar na possível forte elevação dos futuros custos de produção.

Dito isso, a colheita da soja no Brasil atingiu a 59% do total no dia 13/03, contra 62% um ano antes e 56% na média histórica. Nos quatro principais produtores nacionais o ritmo de colheita era o seguinte: Mato Grosso com 97% já colhido; Paraná 70%; Rio Grande do Sul 9% e Goiás 63%.

A título de informação, caso o câmbio no Brasil estivesse dentro da normalidade, isto é, ao redor de R\$ 3,70 por dólar, nos atuais preços de Chicago e de prêmio no porto, o saco de soja no balcão gaúcho estaria valendo, hoje, apenas ao redor de R\$ 61,00, ou seja, cerca de 24 reais a menos do que está hoje.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago recuaram fortemente durante esta semana, atingindo a US\$ 3,35/bushel no dia 18, antes de se recuperar um pouco e fechar em US\$ 3,45/bushel na quinta-feira (19), contra US\$ 3,69 uma semana antes.

O mercado, agora, começa a ser atingido pelos efeitos negativos do coronavírus. Especialmente pelo fato de que a forte baixa nos preços do petróleo comprometem a viabilidade do etanol de milho nos EUA, forçando uma baixa nos preços de sua matéria-prima, que é o grão de milho.

Além disso, a pandemia do coronavírus leva a uma corrida pelo dólar, o qual se eleva frente as demais moedas do mundo, tirando competitividade dos produtos estadunidenses, dentre eles o milho, o que força uma baixa de seus preços.

Junto a isso, o mercado espera os relatórios do dia 31/03 (intenção de plantio e posição dos estoques estadunidenses em 1º de março), onde as primeiras indicações apontam para uma elevação na área semeada e igualmente no volume dos estoques.

Por outro lado, as exportações estadunidenses de milho, na semana anterior acabaram atingindo a 977.900 toneladas, favorecendo a sustentação parcial das cotações. Mas há comentários no mercado de que “a navegação marítima internacional está reduzindo fluxo, com falta de oferta de navios graneleiros e de contêineres devido à queda no ritmo de comércio global. Isso pode levar a uma situação de queda abrupta do comércio nos próximos 90 dias para uma situação de desabastecimento global para o segundo semestre.” (cf. Safras & Mercado)

Ao mesmo tempo, a forte queda nos juros básicos nos EUA, com os mesmos chegando entre 0% e 0,25% pouco adiantou para animar o mercado. De fato, a crise, desta vez, não é econômica e sim de saúde pública, fato que deixa os instrumentos monetários sem grande efetividade.

Enfim, destaque para o fato de que a Argentina começaria a paralisar seus portos, fato que poderá aumentar a demanda pelo milho dos EUA e do Brasil, sustentando os preços nestes países.

Neste sentido, a tonelada FOB de milho na Argentina e no Paraguai fechou a semana em US\$ 163,00 e US\$ 139,00 respectivamente.

E no Brasil, os preços continuam em elevação diante da falta de milho e de safras comprometidas parcialmente pelo clima.

O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 44,51/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 51,50 no norte do Estado. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 42,00 em regiões do Nortão do Mato Grosso e R\$ 58,00/saco na Mogiana paulista, passando por R\$ 56,00 em Itanhandu (MG) e R\$ 52,00 em Videira, Chapecó e Concórdia (SC). O referencial Campinas bateu em R\$ 62,40/saco no CIF em alguns momentos da semana.

A oferta de milho é pequena, especialmente em São Paulo e a demanda, embora o coronavírus, continua relativamente firme. Afinal, as pessoas precisam se alimentar na medida do possível. Soma-se a isso as dificuldades climáticas que reduzem a oferta esperada na safra de verão, especialmente no Rio Grande do Sul, e comprometem o plantio da safrinha. Em algumas regiões do país já se fala em replantio ou até mesmo impossibilidade de concluir o plantio da safrinha.

Além disso, com a desvalorização do Real disparando, as exportações ficam cada dia mais interessantes, forçando igualmente altas nos preços internos.

Vale ainda destacar que existe um embate ferrenho entre o mercado físico e os operadores na BM&F já que nesta última o milho está cotado em R\$ 47,00/saco para o dia 15/05. Segundo o mercado físico, e estamos vendo isso, não há oferta abaixo de R\$ 50,00/saco FOB nos principais Estados produtores e não haverá milho safrinha ainda disponível no Mato Grosso naquela data. Desta forma não haveria como precificar milho a R\$ 47,00 CIF, pois isso significa praticamente o preço de porto em Santos, em um período em que a safrinha ainda não está no mercado. (cf. Safras & Mercado) Ou seja, a BM&F está trabalhando com valores fora da realidade no momento.

Enfim, a colheita da safra de verão chegou a 46% no Centro-Sul brasileiro até o dia 13/03, contra 47% na média histórica e 49% colhido no ano anterior nesta época. Minas Gerais, Goiás/DF, São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul continuam abaixo da média histórica em termos de colheita. (cf. Safras & Mercado)

Já o plantio da safrinha chegou a 87% no dia 13/03, contra 99% no ano anterior e 76% na média histórica do Centro-Sul brasileiro. Todos os Estados produtores estão com atrasos no plantio, sendo que os maiores problemas se encontram em Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e São Paulo.(cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo continuaram caindo em boa parte desta semana, chegando a bater em US\$ 4,98/bushel, algo que não era visto desde o início de outubro. Posteriormente houve uma boa recuperação, com fechamento desta quinta-feira (19) ficando em US\$ 5,35/bushel, contra US\$ 5,08 uma semana antes.

O coronavírus é o elemento central no mundo na atualidade e, portanto, nos mercados agropecuários. Com isso, o trigo igualmente vem sendo atingido em Chicago.

Neste sentido, as vendas líquidas de trigo por parte dos EUA, na semana encerrada em 5 de março, atingiram a 452.300 toneladas, o que representa um recuo de 6% sobre a média das quatro semanas anteriores. Já as inspeções de exportação ficaram em 449.653 toneladas na semana encerrada em 12/03, atingindo um pouco menos do que o mercado esperava.

Na Argentina o preço FOB da tonelada de trigo ficou em US\$ 234,00 para entrega em março. Diante do atual câmbio no Brasil, esta tonelada chega aos moinhos paulistas, na atualidade, a R\$ 1.390,00 e em Curitiba a R\$ 1.300,00. Assim, continua havendo espaço para altas de preços junto ao produto brasileiro. Para junho, o preço na Argentina é de US\$ 243,00/tonelada e para novembro US\$ 210,00.

No Brasil, os preços do cereal se mantiveram relativamente estáveis, porém, elevados. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 44,96/saco, enquanto no Paraná o balcão ficou entre R\$ 52,00 e R\$ 55,00 e em Santa Catarina entre R\$ 47,00 e R\$ 48,00. Já nos lotes, o Rio Grande do Sul manteve o valor de R\$ 52,80/saco, enquanto no Paraná os mesmos ficaram entre R\$ 60,00 e R\$ 63,00, e na região catarinense de Campos Novos em R\$ 54,00/saco.

Diante da falta mais significativa de produto de qualidade no Brasil, as importações continuam, mesmo com o Real altamente desvalorizado. Mais 500.000 toneladas teriam sido compradas no exterior neste mês de março.

Tais compras têm abastecido os moinhos nacionais fato que segura parcialmente os preços no Brasil. Porém, a escassez de oferta interna é grande e daqui 30 a 40 dias estes moinhos terão que recorrer ao pouco que resta do trigo brasileiro. Especialmente

porque a disponibilidade de trigo na Argentina, para exportação, já está bastante reduzida.

Desta forma, os preços do trigo no Brasil deverão permanecer com viés altista até a próxima colheita, que se inicia em setembro pelo Paraná. Lembrando que, em havendo uma revalorização do Real nos próximos meses, o preço externo fica mais competitivo e forçará uma baixa de preços junto ao trigo nacional.